



Profissão Repórter: O "Novo Repórter" humanizado na TV¹

Eduardo José Moreira SOUZA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar a humanização do repórter que ocorre no programa Profissão Repórter da Rede Globo, que inova ao fazer um telejornalismo diferenciado, mostrando ao espectador elementos da rotina de apuração antes presenciados apenas pela equipe de reportagem. Este trabalho também relaciona esse repórter com os modelos de repórter humanizado característico do Novo Jornalismo e do repórter investigativo que parte em busca da informação. Para tanto, foi feita uma breve revisão bibliográfica do Novo Jornalismo e da figura do repórter e posterior aplicação dos conceitos apresentados nos episódios em que ocorre a humanização do repórter nas edições do Profissão Repórter do mês de maio de 2011.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Repórter Investigativo; Novo Jornalismo; Profissão Repórter

Introdução

Este artigo pretende apresentar como o programa telejornalístico Profissão Repórter, levado ao ar às terças-feiras na Rede Globo, apresenta ao telespectador uma nova figura do repórter, que podemos chamar de "repórter humanizado"; aquele que, diante das câmeras, se emociona com as histórias contadas pelos personagens retratados e que tem dúvidas quando se depara com situações inusitadas que podem ocorrer durante a busca pela informação — e nesse momento eles recorrem a Caco Barcellos, idealizador do programa, que os orienta como um "tutor", em função de sua experiência profissional.

O artigo se inicia com uma breve passagem que ilustra o que foi o movimento conhecido como Novo Jornalismo, no qual houve uma mudança em relação à maneira de redação da reportagem; e parte para um segundo momento que apresenta a maneira como o Profissão Repórter se utiliza de técnicas do Novo Jornalismo nessa construção

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social da UFJF.
Email: du_moreira@hotmail.com



do repórter humanizado, que interage mais intimamente com suas fontes. Ao final, é apresentada a aplicação desses conceitos na ilustração de episódios nos quais essa humanização ocorre, com a seleção das quatro edições do Profissão Repórter veiculadas no mês de maio de 2011.

O Novo Jornalismo

A adoção de uma nova prática de redação jornalística dividiu os profissionais da comunicação nos Estados Unidos da década de 1960. De um lado, permaneciam os jornalistas encarregados da produção das matérias factuais, que demandavam apurações objetivas e ágeis, de modo a garantir que a notícia fosse dada de forma mais rápida. De outro, estavam os responsáveis pela elaboração de um material mais detalhado, que mesclava as linguagens jornalística e literária, com a utilização de descrições e narrativas — elementos que não eram, até então, utilizados no jornalismo do dia a dia por, segundo preceitos, desviarem o leitor da "objetividade" que teria sido conseguida com o uso do lide, constituído, geralmente, pelos

[...] dois parágrafos iniciais, a parte mais importante de um texto jornalístico [...]. Palavra aportuguesada do inglês *to lead* (liderar, conduzir, comandar), o lide constitui uma unidade de pensamento em si; introduz, resume e fornece explicações ao leitor; procura situá-lo diante dos fatos, cativando-o para que continue a leitura ou buscando satisfazer a curiosidade rapidamente. (JORGE, 2008, p. 131-132)

Esse movimento que buscava acrescentar ao produto noticioso traços literários foi batizado de *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, exatamente por propor essa modificação na apuração e redação das reportagens. Entretanto, a necessidade de haver um aprofundamento das informações tem origem nos anos de 1920, quando os repórteres sentiram que as coberturas da Guerra poderiam apresentar informações mais aprofundadas aos leitores, introduzindo relatos mais humanizados por meio da construção de perfis e de narrativas com traços de emoção. Nos Estados Unidos, o Novo Jornalismo foi "inaugurado" em 1965 com a publicação, na revista *The New Yorker*, de *A Sangue Frio*, obra escrita por Truman Capote. (OLIVEIRA, 2007, p. 04)

A obra relata os últimos dias dos Clutter, quatro moradores do povoado de Holcomb, localizado no estado americano do Kansas, que foram brutalmente assassinados em novembro de 1959. Segundo Capote, sua intenção, ao lançar o livro — em fevereiro de 1966, o que fez com ele convivesse por sete anos com familiares,

amigos e até mesmo com os assassinos da família — foi o de criar um novo gênero literário, o "romance de não ficção". (LOPES e TORRES, 2010, p. 02)

Outra modalidade jornalística foi o chamado "Jornalismo Gonzo", que teve como grande representante o norte-americano Hunter Thompson, jornalista que se envolveu profundamente em uma reportagem sobre um grupo de motociclistas e apanhou de alguns integrantes. Casos desse tipo ilustram o diferencial desses repórteres, que penetravam fundo no cotidiano de seus entrevistados a ponto de poderem "prever" seus pensamentos ou descreverem com o máximo de detalhes eventos de seu dia a dia ou passagens de vida relatadas em conversas informais.

No Brasil, o Novo Jornalismo pôde ser observado na revista Realidade, que circulou no país mensalmente a partir do ano de 1966, lançada pela Editora Abril. O diferencial que a revista trazia eram as coberturas mais profundas, com textos que continham a emoção que certos assuntos permitiam — como a cobertura da Guerra do Vietnã, em 1968, feita pelo repórter e correspondente José Hamilton Ribeiro, que esteve no front de batalha na cidade de Saigon e perdeu parte da perna esquerda ao pisar em uma mina terrestre — fato que fez com que o jornalista virasse notícia. (RIBEIRO, 2006)

José Hamilton Ribeiro cobria a guerra e estava acompanhando as operações da Primeira Divisão de Cavalaria dos Estados Unidos. Em seu último dia de cobertura jornalística, correu para fotografar um ferido que havia pisado em uma mina terrestre a cerca de vinte metros de onde ele estava, ouvindo um estrondo descrito por ele como

[...] uma explosão fantástica. É um *tuimmm* interminável que me atravessa os ouvidos de um para o outro lado, dá-me a sensação de grandiosidade. Sinto-me no ar, voando, mas, ainda assim, com uma certa tranquilidade para pensar: [...] Uma espessa cortina de fumaça bloqueou-me toda a visão. Tive a certeza, então, de que a bomba tinha explodido a alguns metros de mim, exatamente sobre o Henry. (RIBEIRO, 2006, p. 184)

A reportagem que relata não só o acidente no Vietnã, como também apresenta os dias de recuperação de José Hamilton nos hospitais vietnamitas, foi vencedora de prêmios e compilada, juntamente com outras reportagens, em 2006, no livro O Repórter do Século, escrito por José Hamilton.

A revista Realidade saiu de circulação em 1976. Entretanto, a prática do Novo Jornalismo não foi abandonada nos veículos remanescentes. De certa forma, essa apuração mais trabalhada deu oportunidade aos repórteres de se engajarem mais na

cobertura jornalística com o jornalismo investigativo, que, no Brasil, ganhou força com as investigações de corrupção no governo do ex-presidente Fernando Collor de Mello (1990-92), podendo-se, "dizer que o *impeachment* de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. A partir dele, jornalistas e donos de empresas de comunicação viram-se diante de uma nova e poderosa circunstância, com consequências ainda a serem dimensionadas". (FORTES, 2005, p.9). Entretanto, nem todo assunto é considerado forte o bastante para ser investigado, uma vez que

o jornalismo investigativo aparece dentro da prática interpretativa, em que um assunto de grande interesse social torna-se objeto de uma cobertura detalhada e cuidadosa do jornalista. O objetivo principal está em revelar fatos encobertos e desvendar a verdade que muitas vezes se esconde no jornalismo declaratório, baseado apenas em versões e não na pesquisa e investigação dos vários ângulos que compõem determinado acontecimento. (LUCINDA, 2008, p.21)

No telejornalismo brasileiro, o jornalismo investigativo esteve presente, na Rede Globo, no programa *Fantástico*, no ar desde 05 de agosto de 1973. Sob o formato de uma revista eletrônica, o programa, com duração média de 120 minutos, tem foco nas matérias de denúncia e investigação, ainda que em seus primeiros anos, o "Show da Vida", como ficou conhecido, tenha investido também em atrações musicais. Atualmente o *Fantástico* tem abordado com menor frequência os quadros em que a música possui maior destaque, priorizando matérias que trazem o que de mais importante ocorreu na semana e reportagens de prestações de serviços, como as que envolvem análises de produtos em laboratórios e matérias com especialistas que dão dicas aos consumidores.

E foi com a proposta de ampliação do número de material investigativo que foi criado, em 2006, o *Profissão Repórter*, inicialmente concebido como um quadro do *Fantástico*. O quadro tinha duração média de dez minutos e trazia temas ligados diretamente aos telespectadores, como na primeira edição, que foi ao ar no dia 07 de maio, apresentando a atuação de grupos de pichadores de Brasília e de São Paulo. Desde o início, a figura do repórter no programa foi valorizada, uma vez que dentro do *Profissão Repórter* o jornalista participa de todas as etapas da produção jornalística, como desde a pauta, a produção e posterior edição do material. Não raros são os momentos em que o repórter aparece ao lado de Caco Barcellos, comentando situações ocorridas no momento da gravação das reportagens, diretamente da ilha de edição do programa.

O "Novo Repórter" em cena

Em um telejornal, o profissional jornalista pode diversas funções: uma delas é a do apresentador/âncora, aquele que passa as notícias ao telespectador diretamente do estúdio do programa, podendo fazer algumas matérias externas. Outra figura é a do repórter, que vai às ruas apurar as informações e repassá-las às pessoas. Inicialmente, nos primeiros anos da televisão no Brasil, os noticiários se assemelhavam aos jornais radiofônicos, com a locução do repórter ao vivo, direto dos estúdios. O primeiro telejornal brasileiro foi o Imagens do Dia, produzido pela TV Tupi de São Paulo — que não possuía horário fixo e apresentava imagens do que havia ocorrido de importante durante o dia.

A inauguração da Rede Globo, em 26 de abril de 1965 trouxe inovações à cena do jornalismo, tanto em função dos novos profissionais quanto em função dos novos equipamentos que proporcionaram uma mudança do trabalho jornalístico. O primeiro telejornal em rede do Brasil, o Jornal Nacional, de 1969, inovou ao introduzir no já conhecido modelo de telejornal do Repórter Esso imagens com a fala dos entrevistados em som direto. Armando Nogueira, jornalista que foi diretor do departamento de jornalismo do programa, conta no livro *Jornal Nacional- A notícia faz história* (2004), que

[...] 'o que caracterizava o nosso jornal era o som direto. O *Repórter Esso* não tinha som direto porque saía embalado da redação do *Jornal do Brasil*, onde funcionava a United Press, distribuidora do noticiário, tanto na época do rádio quanto na da televisão. Saía de lá pronto, era só botar no ar. Gontijo Teodoro apenas lia. No nosso telejornal, além de imagens cobertas com áudio do locutor, inseríamos depoimentos, com voz direta, da pessoa falando.' (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 27)

Essa participação do repórter na produção da notícia, com o profissional indo até onde o fato ocorre, de certa forma causa uma aproximação do produtor da notícia com aquele que a recebe. Outro programa que explora esse vínculo com o telespectador é o Fantástico, que em 2011 estreou o quadro Medida Certa, no qual os repórteres Zeca Camargo (também apresentador do programa) e Renata Ceribelli tiveram 90 dias para adquirirem hábitos de vida saudáveis. Segundo o site do programa, a proposta do quadro "é incorporar, de maneira regular, a atividade física na vida dos dois. Isso vai refletir diretamente na saúde. Não pode tomar medicamento, não vale tomar suplemento e nem apelar para fórmula mágica" (FANTÁSTICO, 03/04/2011).

Essa figura do repórter humanizado, livre das amarras que a aura da televisão impõe, está presente em atrações da Rede Globo como o Jornal Nacional e o Profissão Repórter. A intimidade do público com o Jornal Nacional pode ser percebida tanto pela identificação dos telespectadores com a vida pessoal do casal âncora, William Bonner e Fátima Bernardes, quanto pelo uso, por parte de Bonner, da rede de microblog Twitter, na qual ele escreve várias mensagens relatando passagens de seu dia, como as de 22 de junho "Torcicolo na véspera de feriado...#nobodydeservesit" e "Véspera de feriado", com um link que redireciona o usuário para uma foto de sua sala na redação da Rede Globo. Com o uso da internet,

[...] o casal de apresentadores pareceu querer estreitar os laços de intimidade com o público, ao divulgar informações pessoais, como seu estado de saúde (a dor de garganta e a rouquidão de Fátima e a hérnia de disco de Bonner), seu estado de espírito (nostalgia, crise de abstinência, saudade) e até detalhes do vestuário, como o pijama listrado de Bonner. Também foram divulgadas informações familiares, inclusive sobre os filhos (compras no shopping center, cinema, feira de cultura na escola). (BARA, 2010, p. 13)

O Profissão Repórter, no entanto, procura estreitar seus laços com o telespectador por meio da humanização do relato jornalístico. Em conversa com o jornalista Augusto Nunes para o portal Veja.com, Caco Barcellos — que no programa desempenha função quase que de "tutor" dos jovens jornalistas — conta que a ideia surgiu após ter trabalhado com o jornalismo investigativo com caráter de denúncia: "Veio do tempo em que eu fazia muita reportagem investigativa. E me preocupava muito na época que eu fazia com a questão dos olhares cruzados, que hoje é a marca do nosso programa. [...] Daí a ideia de olhares cruzados atrás de uma mesma história". (BARCELLOS, 2011).

Talvez um dos momentos em que essa aproximação do repórter com o público seja mais evidente é quando o jornalista faz sua passagem³ na reportagem. Passagem é o nome que se dá ao momento em que o repórter aparece em cena, geralmente, tendo ao fundo da imagem um local relacionado ao assunto da matéria — é uma espécie de assinatura, momento em que o repórter consolida sua figura como o mensageiro da informação, no qual "diz" ao telespectador que ele esteve no local, apurando os dados e que está os repassando como lhe foi relatado. O Manual de Telejornalismo da Rede Globo tem algumas referências quanto a isso. Segundo ele,

³ Passagem, no telejornalismo, é o momento no qual o repórter aparece na matéria, dando credibilidade às informações veiculadas.

de preferência, a matéria deve começar em *off*⁴. O corte direto do apresentador para as imagens melhora muito o ritmo do telejornal. A passagem, no meio da matéria, só é necessária se o repórter acrescentar alguma coisa à reportagem [...]. É bom que os repórteres se lembrem sempre que o que precisa aparecer, e bem, é a notícia. (MANUAL DE TELEJORNALISMO, 1986, p. 17-23)

E é justamente esse acréscimo de informação que aproxima o repórter do telespectador, que sente que o material que lhe é apresentado cumpre com o que foi "acordado" entre as partes: mostrar o que ocorreu de mais importante no dia com o rigor e isenção que se espera do jornalismo.

O ritual da passagem no Profissão Repórter é um pouco diferente. Geralmente, as passagens são feitas em movimento, no decorrer da apuração jornalística; muitas vezes interrompidas por fatos que acontecem diante das câmeras, como no programa de estreia, do dia 07 de maio de 2006, no qual a repórter Ana Paula Santos presenciou dois grupos de pichadores de São Paulo se agredindo com pedras, que eram atiradas por todas as direções, por pouco não acertando a equipe de reportagem. No momento seguinte à exibição dessas imagens, são mostrados a repórter e o jornalista Caco Barcellos assistindo a esse material na ilha de edição do programa, com Caco numa posição de "mentor da informação", em função de sua experiência jornalística.

Segundo LUCINDA (2008, p. 70), o Profissão Repórter seria uma espécie de "escola", na qual "o professor — que na jornada, é designado como 'mentor'— é o veterano Caco Barcellos [...].", que, logo no início das edições, diz que o programa traz "os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem", fazendo com que o conceito se afaste da

[...] ideia de um jornalista objetivo, "longe" de suas fontes e da realidade que reproduz, para explorar a subjetividade do repórter. A "humanização" do jornalista não é só importante para a própria "ideologia" do programa, como também é incentivada em sua página da internet, onde os jornalistas têm a oportunidade de comentar cada apuração, e, mais importante, contarem com o *feedback* do telespectador que também tem seu espaço no *blog* para discutir as matérias apresentadas e a atuação do repórter. (LUCINDA, 2008, p. 67)

E esse conceito norteia a atração. Em várias edições, notam-se repórteres se emocionando, narrando passagens de sua vida pessoal ou interagindo de forma íntima com as fontes. Um exemplo dessa "humanização do repórter" ocorre na edição

⁴ No telejornalismo, chama-se *off* o texto lido pelo repórter enquanto imagens são exibidas ao telespectador, sem que haja a aparição do jornalista nesse momento.

"Cadeias", veiculada no dia 14 de junho de 2011, que mostra o repórter Thiago Jock sendo "cantado" por uma detenta do presídio feminino do Complexo Penitenciário de Charqueadas, no Rio Grande do Sul, pelo fato de, segundo ela, a presença masculina ser escassa por ali. Esse episódio retrata que a humanização se dá também através do enquadramento diferenciador, revelando coisas que em um programa de formato mais conservador seriam cortadas na edição.

Outro episódio que traz o repórter humanizado foi exibido no site do programa no dia 06 de junho, em um vídeo no qual o repórter Victor Ferreira procura, tendo em mãos uma lista com 14 números de telefone, um personagem que ilustre uma reportagem durante a produção da edição "Disputa pelos filhos", que foi ao ar no dia 31 de maio. Durante os pouco mais de um minuto, vemos Victor telefonando para os números listados e tendo como respostas mensagens de que "o número chamado não existe" ou "celular temporariamente desligado ou não habilitado"— nos momentos em que consegue concluir uma ligação, a pessoa com quem ele fala não pode ajudá-lo. (PROFISSÃO REPÓRTER, 2011)

O Profissão Repórter se utiliza de tais recursos de aproximação entre público e jornalista tanto nas edições que trazem matérias investigativas e de denúncia quanto naquelas em que temas mais leves são abordados, como a edição "Casamentos" do dia 21 de junho de 2011, fazendo com que quem assista ao programa se sinta representado, de certa forma, pelo profissional que busca a informação diante das dificuldades de se produzir uma reportagem.

Outro momento divulgado no site do programa mostra a repórter Paula Akemi acompanhando o jornalista policial Valmir Salaro em uma visita à redação do programa *Fantástico* — após a exibição da edição "Investigações", veiculado no dia 17 de maio — com Valmir mostrando a Paula uma gaveta de sua mesa na qual ele guarda vários blocos de anotações com materiais de diversas reportagens feitas por ele, como dados sobre as carreiras profissionais do promotor e advogado de defesa do "Caso Isabella Nardoni"⁵. Durante a conversa, Valmir relata um pouco de sua história no jornalismo de polícia e expõe certas opiniões sobre casos que cobriu, como quando fala que "a investigação pura jornalística talvez não tenha sido feita, nesse caso (dos "Nardoni")

⁵ O "caso Isabella Nardoni" foi a forma como ficou conhecido o crime ocorrido na noite do dia 29 de março de 2008, no qual a menina Isabella de Oliveira Nardoni foi asfixiada e defenestrada (atirada) do sexto andar do Edifício London, situado no bairro Vila Guilherme, na cidade de São Paulo. O pai e a madrasta da criança foram condenados pelo crime dois anos após o fato.

[...]. Ficaram muitas dúvidas [...], tanto é que muita gente da redação da TV Globo e outras redações também (têm)". (VALMIR SALARO, 2011).

Não somente com vídeos que ilustram "os bastidores da notícia", como citado na fala de Caco Barcellos, o Profissão Repórter se aproximou do telespectador e humanizou o repórter em matérias que exigiram uma cobertura mais profunda,

[...] que envolviam considerável carga dramática, como, por exemplo, a edição em que um morador de favela e sobrevivente da violência conhece, por um dia, o luxo da vida na realeza; ou a reportagem que mostrou a miséria de famílias no Nordeste que sofrem com a seca. Aí percebe-se um forte apelo às emoções do público, tendência comum ao que poderíamos chamar de "jornalismo de espetáculo", gênero que tem forte influência e atração do público em geral (LUCINDA, 2008, p.51)

Lucinda verifica que "outra vertente que também é trabalhada dentro do universo temático do Profissão Repórter é a explanação ou mesmo a apuração detalhada de algum fato 'quente', que ainda está presente na mídia". (LUCINDA, 2008, p. 52). A autora cita o exemplo da tragédia do voo da TAM JJ 3054, que fazia a rota Porto Alegre - São Paulo, que se chocou contra o prédio que servia de sede da empresa TAM Express, prestadora de serviços de carga da própria companhia aérea. A edição do programa sobre a tragédia foi ao ar apenas cinco dias após o acidente ter ocorrido.

Objeto de estudo detalhado da autora em seu Trabalho de Conclusão de Curso, a edição do dia 05 de agosto de 2008, "Maternidades", retrata esse compromisso do repórter com a busca pela informação e priorização de temas atuais e de relevância para a sociedade.

Em julho de 2008, explode na mídia o caso da maternidade da Santa Casa de Belém, no estado do Pará: dezenas de mães que fizeram o parto no hospital perderam seus filhos recém nascidos. A precariedade do centro de saúde choca os brasileiros. Funcionários mal remunerados, materiais e equipamentos em falta, e grande demanda a espera de atendimento. [...] Nos laudos, o motivo do óbito é ignorado ou desconhecido. Nem mesmo as mães que perderam seus filhos sabem o que levou ao falecimento da criança. (LUCINDA, 2008, p. 71-72)

Nesta edição do programa,

[...] três duplas de jovens repórteres e Caco Barcellos se dividiram para apresentar uma cobertura simultânea do assunto: enfocam as raízes da grande mortalidade de bebês na Santa Casa de Belém, a situação atual da maternidade, e o dia-a-dia em um hospital gratuito que oferece um atendimento exemplar. Em uma semana de apuração, os jornalistas conseguem, através do trabalho de investigação, encontrar casos absurdos, denúncias reveladoras e histórias emocionantes. Com o leque de informações reunido, eles reconstituem



o cenário que mostra um Brasil discrepante: de um lado, nas regiões mais pobres, a precariedade do atendimento à saúde, e de outro, o exemplo de um serviço público sério e altamente qualificado. (LUCINDA, 2008, p. 70)

Aplicando os conceitos: a humanização do repórter nas edições do *Profissão Repórter* do mês de maio de 2011

Esta parte do artigo pretende mostrar como essa humanização da figura do repórter é retratada no programa *Profissão Repórter*. Para isso, foram escolhidas as quatro edições do programa do mês de maio de 2011 e "catalogados" os momentos em que essa humanização esteve presente.

- Edição do dia 03 de maio: Bebês Abandonados

Nesta edição, o primeiro episódio de aproximação do repórter com o público se dá com a ligação telefônica entre Caco Barcellos e a repórter Paula Akemi, que foi investigar o caso de um bebê abandonado no lixo de um hospital de Jundiaí, cidade do interior paulista. Paula tentou entrar no hospital para colher informações sobre o fato; porém, foi impedida de passar pela porta pelos seguranças que não permitiram que ela entrasse. Diante da recusa, ela conversa com Caco Barcellos pelo telefone sobre o rumo que a reportagem tomou:

Caco Barcellos: Eles (os seguranças) deixaram vocês entrarem no hospital?

Paula Akemi: Não, não passamos nem da porta. Perguntei: "posso entrar, sem gravar, só para pedir um contato?" Então a gente saiu correndo e fui até a delegacia aqui de Jundiaí. Chegando lá, para a nossa surpresa, apesar do horário, o delegado ainda estava lá e nos recebeu para uma entrevista. (PROFISSÃO REPÓRTER, 03/05/2011)

Entre as reportagens que compõem o programa, são exibidas vinhetas de passagem de tempo que ilustram bem o conceito da atração: jornalistas empunhando o microfone da Rede Globo correndo "em busca da notícia" ou repórteres cinematográficos captando imagens de dentro de um carro da Rede Globo — atraindo a curiosidade do telespectador para uma cena que, tradicionalmente, não seria mostrada; contribuindo, de certa forma, para uma espetacularização do trabalho jornalístico. Outra conversa entre Caco Barcellos e a equipe é mostrada, desta vez, com a repórter estreante

Letícia Vidica, que em seu primeiro dia de reportagem investigava outro caso de bebê abandonado, mas em uma caçamba de lixo.

Caco Barcellos: Como está seu trabalho aí?

Letícia Vidica: Ah, hoje foi bem legal. A gente acabou conhecendo os conselheiros tutelares que estão acompanhando o caso dela. (PROFISSÃO REPÓRTER, 03/05/2011)

A repórter Thaís Itaquí também teve seu momento, nesta edição, de se aproximar do público. Em sua reportagem sobre o encaminhamento de crianças aos abrigos de São Paulo, ela acompanhou o trabalho do juiz da Vara da Infância Iasin Ahmed, que já havia participado do programa meses antes. A repórter, grávida, acompanha o caso de uma menina deixada pela mãe em um hospital da cidade de São Paulo no momento em que o juiz tem que dar um nome provisório ao bebê abandonado. O nome escolhido pelo juiz é Tais (ou Thais), curiosamente, o mesmo da repórter. Nesse momento, a câmera focaliza o rosto de Thais Itaquí, que se mostra surpresa com a "homenagem" feita ao ter seu nome dado à recém-nascida abandonada.

- Edição do dia 10 de maio: Brega

Logo no início do programa, percebe-se uma mudança na tradicional vinheta de abertura, com o áudio substituído por uma melodia — que no decorrer do programa é denominada "techno melody" ou "techno brega", com a seguinte letra: "Profissão Repórter, atenção, vai começar. Liga (sic) a TV e senta(sic), senta(sic), no sofá!" Em seguida, imagens de shows são mostradas e, no fim dessa sequência, vemos Caco Barcellos ao lado de uma mulher, que canta: "Caco Barcellos também vai dançar!", como se o jornalista, um pouco surpreso e constrangido com a situação, se rendesse ao ritmo. Esse episódio é diferente dos encontrados no Profissão Repórter por humanizar o jornalista não em função de seu relato, mas por sua participação em um fato que o aproxima de quem assiste ao programa.

- Edição do dia 17 de maio: Investigações

Logo após a tradicional abertura do programa, há o encontro, na redação entre Caco Barcellos, a repórter Paula Akemi e o jornalista da TV Globo Valmir Salaro. A participação de Valmir nesta edição tem o objetivo de re-investigar, juntamente com

Paula, o crime conhecido como "Crime da rua Cuba"⁶. Durante as inserções de Paula e Valmir no programa, são mostradas conversas entre o experiente jornalista e a jovem repórter.

Paula Akemi: O que faremos?

Valmir Salaro: Paula, eu tenho uma sugestão de a gente bater na porta pra ver se a gente consegue ter acesso à família que mora aí; os donos da casa. [...] Quer tentar? (conseguir informações com os novos donos da casa)

Paula Akemi: Vamos lá! (PROFISSÃO REPÓRTER, 17/05/2011)

Em outro momento, Paula e Valmir, dentro do carro de reportagem, "disputam" na obtenção de informações sobre o crime. Enquanto Paula diz : "Quem vai conseguir primeiro? A internet...", Salaro a interrompe: " Ou o bloquinho? " (PROFISSÃO REPÓRTER, 17/05/2011)

- Edição do dia 24 de maio: Casa Própria

A aproximação, num primeiro momento, acontece quando a repórter Gabriela Lian adianta para o telespectador quais serão as histórias de pessoas em busca da casa própria que ela vai narrar, fazendo parecer que ela conversa com o espectador.

Gabriela Lian (em off): Essa buzina foi para o casal que divide o único quarto da casa alugada com a filha. Vamos contar mais três histórias: a da mulher que está louca para ganhar um apartamento. E uma aliança! A da turma que encontramos na van. E a da família que trouxe as filhas pequenas. (PROFISSÃO REPÓRTER, 24/05/2011)

Caco Barcellos também participa de um momento de aproximação, no qual ele "sai" da figura do repórter. Acompanhando um pouco da vida da servente de pedreiro Lúcia Evangelista, que construiu sua casa ao longo de 20 anos, ele se diverte por pouco tempo tocando a campainha da casa da moradora, num ato, até então, inimaginável de ocorrer na televisão por parte de um jornalista.

- Edição do dia 31 de maio: Disputa pelos Filhos

Esta foi a que mais apresentou exemplos de aproximação do repórter com o público e do papel de Caco Barcellos como "tutor desses jovens, apresentando-lhes o

⁵ Misterioso assassinato do casal da alta sociedade paulistana Jorge Bouchabki e Maria Cecília Delmanto ocorrido no dia 24 de dezembro de 1988, véspera de Natal. O casal foi encontrado morto na cama onde dormia, com tiros na cabeça e cobertos por lençóis. Na época, o filho mais velho do casal, Jorge Delmanto Bouchabki, foi apontado pela Polícia e pelo Ministério Público como principal suspeito pelo crime.

desafio a cumprir" (LUCINDA, 2008, p. 58). Neste programa é exibida a conversa inicial entre Caco Barcellos e a repórter Gabriela Lian:

Caco Barcellos: Gabi?

Gabriela Lian: Oi Caco!

Caco Barcellos: Onde você está?

Gabriela Lian: Estamos em Santos. Lembra do Jonas? (PROFISSÃO REPÓRTER, 31/05/2011)

Após esse diálogo, é apresentado um vídeo com a história de Jonas, que em junho de 2010 teve sua trajetória contada pelo Profissão Repórter: há quatro anos ele procura pela filha, levada pela mãe durante uma visita. De dentro do carro da produção do programa, Gabriela Lian conversa pelo telefone celular com Caco Barcellos, que, nesse momento, atua como um "orientador", guiando a repórter diante da dificuldade encontrada. Após esse vídeo, outro momento da conversa é mostrado:

Gabriela Lian: Ele me ligou ontem e falou: "Gabriela, eu descobri onde a Dora está. Ela está morando em Santos com a Adriana e eu vou até lá amanhã buscá-la". [...] É uma situação muito delicada para a gente estar ao lado de alguém. Você (Caco) me entende? (PROFISSÃO REPÓRTER, 31/05/2011)

Nesse momento, são exibidas imagens atuais de Gabriela conversando com o pai da menina e um momento da repórter com o oficial de justiça encarregado de coordenar a retirada, por parte do pai, da menina da escola onde estuda. Diante da delicadeza do momento, ela expõe a Caco seu método de apuração

Gabriela Lian: Mas é um momento muito delicado. E eu gostaria de ter um distanciamento, né, nesse caso. Porque eu não quero tomar o partido de nenhum lado

Caco Barcellos: Você não está tendo nenhuma participação, você não está sugerindo nada. O pai está te procurando e você está acompanhando esse pai. (PROFISSÃO REPÓRTER, 31/05/2011)

A partir desse momento, é acompanhada a jornada do pai, que consegue levar a filha consigo. Logo após, Gabriela Lian e a repórter Eliane Scardovelli estão na redação do *Profissão Repórter* enquanto conversam sobre um e-mail enviado por Adriana, a mãe da criança, que decide falar sobre o assunto. Em seu encontro com Eliane, a mãe da menina pede à repórter que revele o local onde Jonas está. No momento da situação, a repórter diz que o que ela poderia fazer seria escutar o que a mãe teria para falar. Surpresa com o pedido, Eliane recorre a Caco Barcellos na resolução do impasse:

Eliane Scardovelli: A gente veio aqui conversar com a Adriana, a mãe da Dora hoje de manhã, né?

Caco Barcellos: Certo.

Eliane Scardovelli: E, bom; enfim, ela está realmente querendo muito ver a filha.

Caco Barcellos: Se ela está pedindo a localização? De jeito nenhum! Você sabe onde é e não pode dizer.

Eliane Scardovelli: De qualquer forma, ela se mostrou, assim, é... interessada em mostrar para a gente a vida dela em Santos e mostrar as coisas da Dora. (PROFISSÃO REPÓRTER, 31/05/2011)

Considerações Finais

O Profissão Repórter, em seus cinco anos de existência — três deles como atração independente — inova ao apresentar um enquadramento diferenciado do telejornalismo ao exibir não só o produto final (a reportagem), como também etapas de sua produção. O trabalho que a equipe de repórteres desempenha todas as terças-feiras na tela da Rede Globo se espelha, como apresentado, no modelo do Novo Jornalismo, que preza pelo acompanhamento, por parte do repórter, mais aprofundado do assunto a ser tratado — com o exemplo, no jornalismo impresso, da revista Realidade, que trazia reportagens nas quais o repórter se envolvia por um longo tempo com suas fontes.

Seguindo a linha editorial do programa chefiado por Caco Barcellos, experiente repórter investigativo — autor dos premiados livros "Abusado", que retrata a realidade do tráfico nas favelas do Rio de Janeiro e "Rota 66- a história da polícia que mata", sobre a violência em uma das guarnições da Polícia Militar de São Paulo, — mostra "os bastidores da notícia, os desafios da reportagem", que constituiriam o diferencial do programa, mostrando como são conduzidas as reportagens sob "olhares cruzados", de acordo com a fala do próprio Caco, em entrevista, que são os diferentes ângulos sob os quais é tratada cada edição — com, geralmente, três equipes de reportagem, cada uma formada por um repórter e um repórter cinematográfico, sendo o próprio Caco também repórter durante a atração.

O que mais se destaca, portanto, no Profissão Repórter é a humanização que a figura do jornalista recebe. Por várias vezes, os repórteres — seja acompanhando investigações ou entrevistando personagens — são captados pela lente das câmeras se emocionando e interagindo com os entrevistados de maneira mais próxima do que de costume, fato que antes seria condenado no jornalismo sob a justificativa de que o jornalista deveria ser imparcial e isento.

Deve-se acrescentar, finalmente, que a série "inaugura" o que pode se chamar de o "Novo Repórter", aquele que, mesmo em busca da objetividade e isenção na apuração,



se deixa se deixar e reconhece que a subjetividade também faz parte da linguagem daquele que elabora a reportagem.

REFERÊNCIAS

BARA, Gilze. **Apresentadores de telejornais e diálogo com o público**: Muito além da TV. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1832-1.pdf>> Acesso em 27 de junho de 2011

BARCELLOS, Caco. Entrevista concedida ao jornalista Augusto Antunes. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/o-profissao-reporter-tenta-abordar-todos-os-lados>>. Acesso em 27 de junho de 2011

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Editora Contexto. São Paulo, 2005

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. Editora Contexto. São Paulo, 2008

LOPES, Denise Braga; TORRES, Carla Simone Doyle. **Eleições americanas por Zero Hora**: o texto literário no jornalismo. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2412-1.pdf>>. Acesso em 27 de junho de 2011

LUCINDA, Tatiana Vieira. **O jornalista como "herói da informação"**: uma análise do *Profissão Repórter*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008

MANUAL DE TELEJORNALISMO. Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Globo, 1986

MEDIDA CERTA "Zeca e Renata terão 90 dias para adquirir hábitos saudáveis". Disponível em <<http://fantastico.globo.com/platb/medidacerta/2011/04/03/zeca-e-renata-terao-90-dias-para-adquirir-habitos-saudaveis/>> Acesso em 27 de junho de 2011

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal nacional**: A notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Radicalmente Chique: os procedimentos de extensão no New Journalism de Tom Wolfe, em Radical Chique. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1218-1.pdf>>. Acesso em 27 de junho de 2011

RIBEIRO, José Hamilton. Eu estive na guerra. In:_____. **O Repórter do Século**. Editora Geração Editorial, 2006. p. 179-201

PROFISSÃO REPÓRTER. . Disponível em <<http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/>> Acesso em 27 de junho de 2011